



A AGONIA DE JESUS: UM APELO À CONVERSÃO PARA ALÉM DA COMPREENSÃO RACIONAL

Manoel Vasconcellos¹



Resumo: O artigo analisa a reflexão de Blaise Pascal sobre a agonia de Jesus no Monte das Oliveiras, baseando-se principalmente no texto "O Mistério de Jesus" (fragmento Laf. 919). O autor explora como Pascal enfatiza o sofrimento interior e existencial de Cristo, uma dor "infligida a si mesmo" e caracterizada pelo abandono divino, em vez da dor física da crucificação. A análise destaca o paradoxo de um Deus que se torna fraco para fortalecer a enfraquecida humanidade, bem como a crítica de Pascal à "sonolência" dos discípulos, que representa a indiferença da humanidade decaída. Conclui que, para Pascal, a agonia de Jesus é um evento atemporal que exige uma conversão do coração, transcendendo a lógica puramente racional e estabelecendo o cristianismo como uma resposta razoável e sensível aos dilemas da modernidade.

Palavras-Chave: Blaise Pascal. Agonia de Jesus. Sofrimento. Paradoxo divino.

Abstract: This article analyses Blaise Pascal's reflection on Jesus' agony in the Mount of Olives, primarily based on the text "The Mystery of Jesus" (fragment Laf. 919). The author explores how Pascal emphasizes Christ's interior and existential suffering, a pain "inflicted upon himself" and characterized by divine abandonment, rather than the physical pain of the crucifixion. The analysis highlights the paradox of a God who becomes weak to strengthen humanity and Pascal's critique of the disciples' "sleepiness," which represents the indifference of fallen mankind. It concludes that, for Pascal, Jesus' agony is a timeless event that demands a conversion of the heart, transcending purely rational logic and establishing Christianity as a reasonable and sensitive response to the dilemmas of modernity.

Keywords: Blaise Pascal. Agony of Jesus. Suffering. Divine paradox.

¹ Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6450962679150321> E-mail: vasconcellos.manoel@gmail.com

A agonia de Jesus no Monte das Oliveiras, episódio que precede a sua prisão e morte, sempre despertou o interesse da literatura, das artes plásticas e, evidentemente, da teologia. De fato, o sofrimento do Deus feito homem comporta uma paradoxal incompreensibilidade que extrapola, inclusive, o âmbito religioso propriamente dito. Blaise Pascal dedica ao tema uma reflexão literariamente bela e de profundo significado religioso, em que o nome e a pessoa de *Jesus*,² nunca designado por *Cristo*, transparece numa configuração existencial que transpõe, sem negar, o significado teológico do episódio, narrado pelos evangelhos.

O texto, conhecido por “Mistério de Jesus”³ foi produzido, ao que tudo indica, em 1655, possivelmente durante ou após a estada de Pascal em Port-Royal,⁴ o que justificaria suas inspirações literárias⁵ e é uma inequívoca demonstração do forte impacto que a cena evangélica causou sobre um autor, para quem o misterioso e o paradoxal nunca deixaram de impressionar.

O primeiro ponto a ser destacado é, precisamente, o cenário escolhido para a reflexão: o filósofo discorre sobre o sofrimento interior de Jesus em sua *agonia* no Monte das Oliveiras; ao focar este momento de profunda angústia de Jesus, o pensador evidencia não a dor física que virá posteriormente, mas a profunda angústia, experimentada por Jesus, nos momentos que precedem sua iminente prisão:

Jesus sofre na paixão os tormentos que lhe infligem os homens, mas na agonia sofre os tormentos que se inflige a si mesmo. *Turbare semetipsum* [tormentos auto-impostos] É um suplício vindo de mão não humana mas todo-poderosa, e é necessário ser todo-poderoso para suportá-lo.⁶

² “La perfection de son unité littéraire saute aux yeux, soulignée par la reprise du nom de Jésus, qui ouvre dix-sept des vingt versets, remplacé dans seulement trois d’entre eux par un ‘il’ qui renvoie à Jésus. La singularité de cette incantation du nom est unique dans l’oeuvre pascalienne” (Philippe Sellier, “Pascal et l’agonie du Christ à Gethsémani”. *Courrier du Centre international Blaise Pascal*, 37, 2015, p. 7-8).

³ Utilizaremos a seguinte edição: Blaise Pascal, *Pensamentos*. Edição, apresentação e notas de Louis Lafuma. Trad. Mario Laranjeira. Revisão Técnica: Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo, Martins Fontes, 2005. Fazemos referência às edições de Lafuma (Laf.) e Brunschvicg (Br.). Neste caso, trata-se do fragmento Laf. 919/Br. 553.

⁴ Cf. Jean Mesnard, *Pascal. El Hombre y su obra*. Madrid, Editorial Tecnos, 1973.

⁵ “Bref, la méditation pascalienne sur Gethsémani s’est développée en s’appuyant sur un ensemble de textes cher à Port-Royal: la Bible, les Heures de Port-Royal, Augustin, Jansénius, Condren, Arnauld et un représentant d’un Ordre révérend par les spirituels du monastère: la Chartreuse” (P. Sellier, op. cit., p. 13).

⁶ Laf. 919/Br. 553, op. cit., p. 375.

É claro que Pascal, em momento algum, pretende negar a dor do flagelo e da cruz. São, contudo, dores infligidas pelos homens. O que marca indelevelmente a agonia é, no entanto, um certo protagonismo divino, o que confere ao episódio um caráter absolutamente central e único na história da salvação. Até mesmo o grito de abandono, proferido por Jesus na cruz, de alguma forma, é relativizado por Pascal, uma vez que o grito da cruz, inspirado num salmo, parece conter uma certa esperança, ausente no Getsêmani.⁷

O que interessa a Pascal é propor uma reflexão em torno dos momentos de profunda consternação, sofridos pelo redentor, decorrentes não apenas do enfrentamento da morte próxima, uma morte dolorosa e injusta, diga-se de passagem, mas também a amargura por se sentir abandonado, razão pela qual sua alma encontra-se revestida de uma tristeza mortal. Sofre um duplo abandono, pois o Cristo encontra-se não apenas desamparado pelos amigos que *dormem*,⁸ incapazes de acompanhá-lo na vigília, mas sente-se deixado até mesmo pelo Pai,⁹ o que confere a todo o episódio uma força impressionante.

É interessante notar como aqueles mesmos três discípulos que desejaram permanecer com Jesus, ao contemplarem sua glória, no alto do Monte Tabor, pois era bom estar lá, agora, no Getsêmani, não conseguem manter uma solidária vigília, precisamente num momento em que não é bom estar ali, perante o sofrimento do mestre.

O Cristianismo, de fato, é uma religião estranha, como o mesmo Pascal já se dera conta,¹⁰ pois pede ao homem, mesmo fraco, que queira ser semelhante a Deus; na agonia de

⁷ “Des souffrances infligées par les hommes, qui n’abattent pas Jésus, se distingue infiniment l’effroyable douleur intérieure en face du péché du monde à laquelle Jésus s’est exposé volontairement. Même dans le cri ‘Lamma sabactani’ du Crucifié, Pascal ne voit que la reprise d’un psaume rempli de confiance en Dieu” (P. Sellier, op. cit., p. 9).

⁸ O verbo “dormir” e seus derivados aparecem nove vezes no texto da meditação pascaliana, revelando a insistência do autor em chamar a atenção para a necessidade da vigília.

⁹ Como aponta o professor Franklin Leopoldo e Silva, Pascal “procura alcançar o paradoxo do Deus abandonado por Deus através da ideia, implícita em sua meditação, de que a solidão e a dor do homem que também é Deus aparecem no quadro da angústia mortal do Cristo como uma espécie de sensibilização do absoluto... mesmo o absoluto, quando se insere na esfera da existência, deve fazê-lo na forma da miséria, neste caso, absoluta. O Deus abominável, mais miserável do que o homem, traz na radicalidade da miséria o poder absoluto de reparar a ofensa feita ao absoluto. A magnitude impensável da dor da morte de Deus é signo de que para vir aos homens Deus teve que assumir a morte, para reverter a escolha humana da morte” (Franklin Leopoldo e Silva, “O Mediador e a Solidão”. *Revista Cult*, São Paulo, n. 64, dez. 2002, p. 45 ss. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-mediador-e-a-solidao/>. Acesso em 20 de julho de 2022).

¹⁰ “O cristianismo é estranho; ordena ao homem que se reconheça como vil e até abominável, e lhe ordena que queira ser semelhante a Deus. Sem esse contrapeso, essa elevação o faria horivelmente vaidoso, ou esse rebaixamento o faria horivelmente abjeto” (Laf. 351/Br. 537, op. cit., p. 137).

Jesus, o estranhamento se faz ainda maior, pois é exigido, de uma certa forma, que Deus, apesar da sua fortaleza, se faça fraco, à semelhança humana. É um tormento que ultrapassa a dor física, pois se trata de um sofrimento existencial, até mesmo de um sofrimento de caráter ontológico, pois é como se a natureza humana se sentisse abandonada pela natureza divina. E Pascal não duvida, em consonância com a tradição da Igreja, afirmada no Concílio de Calcedônia (451), de que Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. No Getsêmani, contudo, Jesus parece sentir a dor de uma cisão que não chega a derrocá-lo, posto que age em consonância com um projeto de genuíno amor, mas provoca um grande sofrimento, de difícil compreensão para sua natureza humana. Jesus sofre solitariamente, “exilado de sua própria essência” como salienta Franklin Leopoldo e Silva, razão pela qual “é preciso ser onipotente para suportá-lo”. Jesus sente-se “abandonado sozinho à cólera de Deus”.¹¹

Há também a falta de solidariedade dos amigos. Aquele mestre que, ao longo de sua vida pública, restituiu a força e a esperança a tantos desvalidos, agora encontra-se enfraquecido e necessitado de amparo. O próprio Pascal nota como o Jesus agonizante dos Evangelhos não demonstra a mesma fortaleza de um santo Estevão,¹² por exemplo. Nesse momento crucial, em meio “ao horror da noite”, os discípulos, incapazes de vigiar, ignoram a singular posição em que se acham envolvidos, muito mais como representantes da humanidade do que propriamente como discípulos sonolentos:

Jesus procura algum consolo pelo menos em seus três amigos mais caros e eles estão dormindo; pede-lhes que velem um pouco com ele, e eles o deixam com total negligência, tendo tão pouca compaixão que esta nem podia impedi-los por um momento de dormir. E assim Jesus estava sozinho e abandonado à cólera de Deus.¹³

Pascal sublinha o fato de que, mesmo enfrentando o abandono, Jesus não descarta de seus amigos, a tal ponto que vai conclamá-los a que estejam vigilantes. Quando nem mesmo sua advertência serve para despertá-los, deixa-os repousar, reconhecendo, quem sabe, que a impossibilidade da vigilância se equipara, de alguma forma, à incapacidade humana de compreender a grandiosidade do gesto divino que está, precisamente naquele momento, se desenrolando.

¹¹ Cf. F. Leopoldo e Silva, op. cit.

¹² Cf. Laf. 316/ Br. 800, op. cit., p. 127.

¹³ Laf. 919/Br. 553, op. cit., p. 375.

Há algo paradoxal, misterioso para a percepção humana: Jesus sempre esteve próximo das pessoas, sobretudo dos desamparados, sempre fazendo-lhes o bem. Esteve, igualmente, sempre próximo do Pai, pois muitas vezes, recolhia-se para rezar. Agora, no entanto, encontra-se abandonado pelas pessoas a quem tanto amou e, até mesmo pelo Pai.

É interessante que, mesmo durante o suplício da cruz, Jesus terá alguma companhia. Durante sua agonia, contudo, encontra-se só. Está entregando tudo em favor da humanidade e a humanidade deixa-o só!

Pascal tem presente que o sofrimento do jardim da agonia se contrapõe à desordem instaurada pelo gênero humano no jardim de delícias do Éden. Agora, caberá a Jesus traçar um outro desenho à história, possibilitando o reencontro da natureza humana com seu desígnio original, um desígnio de amor que, se não foi cancelado, foi, no entanto, danificado pelo pecado. O novo Adão, contudo, enfrenta, no horror da noite, uma tristeza mortal, evidenciando, dessa forma, a grandeza e o preço da obra restauradora que está em curso.

Pascal parece querer mostrar que os amigos sonolentos são os legítimos representantes da humanidade decaída. A falta de solidariedade não é um fato isolado que possa ser circunscrito ao momento. Ela, na verdade, é a consequência do rompimento, por parte da humanidade, da aliança com o criador. Certamente ecoam nas reflexões de Pascal as considerações de Agostinho em torno do pecado original, além, evidentemente, da interpretação jansenista do pecado adâmico.¹⁴ No entanto, enquanto a humanidade está adormecida, Jesus opera sua salvação, fazendo-a despertar para a vida plena. O que parece motivar toda a reflexão de Pascal é o desejo de que as pessoas levem a sério a religião cristã, abandonando a sonolência decorrente de um agir meramente mundano.

Se os amigos dormem, os inimigos, no entanto, encontram-se vigilantes e estão a caminho para prendê-lo. Vigilante também é o estado de um dos discípulos: Judas. Pascal tem o cuidado de assinalar que Jesus, ao designar Judas como “amigo” não o coloca no rol dos inimigos, por ele guiados para prender o mestre. Assim procede por ver, no discípulo traidor, um instrumento do ordenamento divino. Em todo o cenário que envolve a agonia parece transparecer um protagonismo divino que surge, incompreensível, em meio às trevas da noite.

¹⁴ Cf. Gérard Lebrun, *Pascal: voltas, desvios e reviravoltas*. São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 54.

Ao matemático Pascal não passa despercebido um detalhe numérico: Jesus pede *uma* vez ao Pai que afaste dele o cálice, mas, por *duas vezes*, admite que ele venha, se esta for a vontade do Pai. Em toda a narrativa em torno do mistério de Jesus, Pascal vê um convite à oração e à contemplação da misericórdia divina, além de um profundo apelo à conversão humana, pois a agonia de Jesus possui um alcance salvífico que transcende em muito seu momento histórico, apesar da indiferença dos seus discípulos, não apenas daqueles ali presentes, mas também dos não menos displicentes seguidores que, num estado de maior ou menor sonolência, surgirão na sequência dos tempos.

Aqui, precisamente, há um dado absolutamente fundamental para a compreensão do texto de Pascal: o escrito é dirigido à humanidade. Não se trata de uma oração, nem de um ensaio de natureza teológica. O que Pascal parece querer suscitar é um apelo à conversão, por isso esclarece que “Jesus ficará em agonia até o fim do mundo”. Importa, pois, estar sempre vigilante. Pascal escreve como um pensador cristão, convicto de sua fé, fé esta que não é, de modo algum, acessória, em seu labor intelectual. Poderíamos dizer, fazendo eco a Henri Gouhier,¹⁵ que Pascal é um intelectual engajado, comprometido em combater a favor da fé cristã. Ele conhece bem a doutrina do pecado original, haurida em fontes paulino-agostinianas. Em decorrência disso, entende que o gênero humano, após a queda, ainda que não tenha perdido sua grandeza, oriunda de sua imagem e semelhança com o criador, restou, contudo, de tal forma apequenado, que não é capaz, por si só, de superar a miséria em que decaiu, de modo que urge a figura de um redentor, a fim de que possa ocorrer o reerguimento.

Jesus é, pois, o mediador¹⁶ necessário, o Deus que assumiu a condição humana, a condição de um ser decaído pelo pecado. O Cristo, através de seu sacrifício, redime a humanidade pecadora. Como salienta Andrei Venturini Martins, o sacrifício de um ser infinito faz a mediação da distância infinita entre a humanidade e a divindade.¹⁷ O texto de Pascal não

¹⁵ Cf. Henri Gouhier, *Blaise Pascal: conversão e apologética*. Trad. Érica Itokazu e Homero Santiago. São Paulo, Paulus/Discurso Editorial, 2005, p. 21.

¹⁶ “Aparece aqui o inteiro significado de Cristo chamar os homens à vigília, não apenas para orar com ele e participar da sua solidão, mas principalmente para que participem da própria solidão. Conhecer-se na solidão do Cristo é conhecer-se na essencial carência cujas consequências ele veio reparar; é conhecer Deus como causa desta reparação; é conhecer a vida e a história humanas através deste sentido fundamental ligado ao destino sobrenatural reafirmado por Deus pela mediação do Cristo” (F. Leopoldo e Silva, op. cit.).

¹⁷ “Foi preciso um sacrifício de um ser infinito para mediar a distância infinita entre Deus e o homem e, por consequência, o resultado é que o Cristo passa a ocupar o lugar desta distância, ou seja, do vazio infinito do

deixa de ser um grande convite à vigilância, dirigido à humanidade. Em face do gesto de Jesus que ficará em agonia até o fim dos tempos, é preciso que os homens, de todos os tempos, não se deixem abater pela sonolência. Também aqui Pascal parece insistir na necessidade de apostar, efetivamente, na fé.

A agonia e o sofrimento físico, que a ela se seguirá, culminarão na morte redentora de Jesus Cristo. O sacrifício redentor extrapola a capacidade humana de compreender. É interessante como o modo de apresentar a mediação assume uma característica toda especial em Pascal. Não se trata de uma elaboração argumentativa, tal como faz, por exemplo, santo Anselmo, em seu *Cur Deus homo*,¹⁸ um magistral documento teológico, em que o sentido da redenção é apresentado em categorias lógicas, prescindindo até mesmo das Escrituras. Não se dá o mesmo com o autor do “Mistério de Jesus”. O Jesus de Pascal supera toda a lógica, transcende a capacidade humana de compreensão: sofre a agonia e sofre o abandono. Poderia ser compreendido sem a fé e as Escrituras?¹⁹ Não há que esquecer que, para Pascal, Deus é sensível ao coração e não à razão.²⁰ Ainda que seja um cristão bem formado, conhecedor da tradição escolástica, Pascal transcende o “dar as razões da fé”, característico dos pensadores medievais, propondo uma reflexão que suscite a fé, numa perspectiva que não se limite a uma dimensão meramente argumentativa.

Em Pascal, está ausente o discurso sistematizado, ainda que a fundamentação racional e, até mesmo teológica, seja sólida. Parece haver, contudo, a consciência de que o mistério da encarnação supera a racionalidade das provas e de todo discurso racional sobre Deus. Não deixa de ser interessante notar que Pascal tematiza a *agonia*, mostrando-a como uma experiência existencial e histórica. Afinal, é o coração, entendido como uma faculdade do amor,²¹ e não a razão que sente Deus. É claro que Pascal não pode ser entendido como um

homem sem Deus” (Andrei Venturini Martins, *Do Reino Nefasto do amor-próprio: a origem do mal em Blaise Pascal*. São Paulo, Filocalia, 2017, p. 291).

¹⁸ Cf. Santo Anselmo. *Por que Deus se fez homem?* Trad. Daniel Costa. São Paulo, Novo Século, 2003.

¹⁹ “Fora de Jesus Cristo não sabemos o que é nossa vida, nem nossa morte, nem Deus, nem nós mesmos. Assim, sem as Escrituras, que só têm a Jesus Cristo como objeto, não conhecemos nada e não vemos senão obscuridade e confusão na natureza de Deus e na própria natureza” (Laf. 417/Br. 548, op. cit., p. 157-158).

²⁰ “É o coração que sente a Deus e não a razão. Eis o que é a fé. Deus sensível ao coração, não à razão” (Laf. 424/Br. 278, op. cit., p. 164).

²¹ “Le plus souvent ‘coeur’ désigne non une faculté de connaissance, mais une faculté d’amour, également immédiate. Le Coeur peut se tourner vers les choses du monde (concupiscence) ou vers Dieu [...] Le Coeur entendu comme faculté d’aimer a sa logique, son ordre [...] différent de l’ordre de l’esprit” (Bernard Sève,

fideísta. Na verdade, ele está respondendo aos anseios e desafios da modernidade que se inicia, com seu projeto, quicá não intencional, de separação da razão e da fé.²² Em tal contexto, não quer submeter tudo à razão, mas também não quer violentar os princípios da razão.²³

Ainda que sua reflexão em torno de Jesus e de seu papel mediador não seja estritamente filosófica, ela é, contudo, portadora de uma mensagem ou intenção genuinamente reflexivas. Como filósofo, Pascal fala aos homens de todos os tempos, mas tem diante dos olhos a humanidade do alvorecer dos tempos modernos, chamada a atuar num novo mundo. Inegavelmente acelera-se uma mudança cultural e o homem europeu, ainda confuso e inquieto, é chamado a ser intérprete de uma nova realidade. Pascal entende que a religião cristã é uma alternativa efetiva e plenamente razoável, capaz de ser um roteiro seguro nesse novo momento histórico. Apenas Deus, não o Deus dos filósofos e dos sábios, mas o de Abraão, poderá fornecer ao homem, grandioso e, ao mesmo tempo, limitado, o apoio necessário para atuar nesse fascinante e desconhecido mundo que se descortina. Esta é a convicção profunda de Pascal.

O autor do “Mistério de Jesus” não é um teólogo, mas conhece a teologia em voga e acolhe seus princípios fundamentais. Não nega a tradição teológica do sacrifício expiatório do Cristo. Sua reflexão está fortemente apoiada na convicção do pecado original e a consequente necessidade de restabelecer o elo perdido. Se é fato que não nega a tradição teológica de seu tempo, Pascal, contudo, não fica restrito a ela e aí parece residir um aspecto inovador e interessante de sua reflexão. Ao acentuar a operação salvífica como sendo operada, muito mais na agonia do que na cruz, ao insistir na dor moral de *Jesus*, mais do que no sacrifício expiatório do *Cristo*, parece que Pascal deixa entrever, de modo muito claro, que há, por parte da divindade, uma imensa solidariedade para com a humanidade enfraquecida.²⁴ Por que,

Pensées sur la religion. Pascal. Paris, Hatier, 1992, p. 74).

²² “Pascal sabe que a fé, sem a razão, torna-se um pietismo supersticioso, sabe também que a razão, sem a fé, deságua em um ceticismo pirrônico; portanto, fé e razão mantêm uma relação tênue que não pode ser desconsiderada pelo leitor do filósofo francês [...]” (A. V. Martins, op. cit., p. 320-321).

²³ “Se submetemos tudo à razão, a nossa religião não terá nada de misterioso e de sobrenatural. Se violentarmos os princípios da razão, a nossa religião será absurda e ridícula” (Laf. 173/Br. 273, op. cit., p. 71).

²⁴ “A vigília assim compreendida é o reverso ético da queda, condição ontológica em si irreversível, mas que pode ser convertida em salvação se o coração humano puder sentir Deus através da proximidade do seu poder, mais do que através da distância de sua essência” (F. Leopoldo e Silva, op. cit.).

afinal de contas, um Deus tão forte se fez tão fraco, a ponto de entristecer-se até à morte? Só pode ser para que a humanidade, tão enfraquecida, pudesse se fortalecer, superando a tristeza mortal do afastamento divino. A mortal separação, instaurada com o pecado, torna-se aproximação, não tanto por um ato de justiça, mas por efetivo amor. Pascal quer oferecer uma experiência originária de fé, mostrando que Deus é capaz de ser solidário com a dor humana. É um mistério imenso e de difícil compreensão até mesmo pelo coração, quanto mais pela razão.

REFERÊNCIAS

ANSELMO, S. **Por que Deus se fez homem?** Trad. Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2003.

GOUHIER, H. **Blaise Pascal: conversão e apologética.** Trad. Érica Itokazu e Homero Santiago. São Paulo: Paulus/Discurso Editorial, 2005.

LEBRUN, G. **Pascal: voltas, desvios e reviravoltas.** São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 54.

LEOPOLDO E SILVA, F. O Mediador e a Solidão. **Revista Cult**, São Paulo, n. 64, dez. 2002, p. 45 ss. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-mediador-e-a-solidao/>. Acesso em 20 de julho de 2022.

MARTINS, A. V. **Do reino nefasto do amor-próprio: a origem do mal em Blaise Pascal.** São Paulo: Filocalia, 2017.

MESNARD, J. **Pascal.** El Hombre y su obra. Madrid: Editorial Tecnos, 1973.

PASCAL, B. **Pensamentos.** Edição, apresentação e notas de Louis Lafuma. Trad. Mario Laranjeira. Revisão técnica: Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SELLIER, P. Pascal et l'agonie du Christ à Gethsémani. **Courrier du Centre International Blaise Pascal**, n. 37, 2015, p. 7-30.

SÈVE, B. **Pensées sur la religion.** Pascal. Paris: Hatier, 1992.



